

## **Prisciano e a história da gramática: considerações acerca da sintaxe e da morfologia**

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Professor Doutor de Língua e Literatura Latina do DLLCV/UFPR

goncalves@gmail.com

Luana de Conto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPR

luana.conto@gmail.com

**RESUMO:** Considerando que as reflexões linguísticas na antiguidade tiveram reflexos inúmeros nos estudos atuais, este artigo trata da gramática antiga, feita nos moldes da tradição grega do precursor Dionísio Trácio. Em especial, o escopo deste trabalho é baseado em duas obras do gramático Prisciano (Bizâncio, séc. VI). Com o objetivo de mostrar a concepção linguística do pensamento gramatical de Prisciano, abordamos a sintaxe na obra *Institutiones grammaticae* e a morfologia na *Institutio de nomine et pronomine et verbo*. Para esboçar a característica de veículo transmissor da tradição grega e para explicitar os conceitos de sintaxe e morfologia, este trabalho lança mão de traduções de excertos das duas obras, algumas inclusive inéditas. Ao fim, fica evidente uma sintaxe atomista baseada na idéia de *oratio perfecta* e uma morfologia que faz uso de operações de manipulação de letras e de modelos paradigmáticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramática antiga; Prisciano; Sintaxe; Morfologia.

### **Introdução**

A história do pensamento sobre a linguagem carece de estudos e de pesquisadores no Brasil, e a proposta deste artigo é tratar da sintaxe e da morfologia na obra do gramático antigo Prisciano (séc. VI da era cristã), tendo como fonte de estudo duas de suas obras: as *Institutiones Grammaticae* (utilizaremos a tradução de trabalho “Instituições Gramaticais”, doravante abreviadas pela sigla IG), um dos textos mais importantes da história do pensamento ocidental sobre a linguagem; e a *Institutio de nomine et pronomine et verbo* (“Instituição acerca do nome, do pronome e do verbo”, doravante *Institutio*, por abreviação), um texto de grande disseminação na Idade Média mas menor que as IG em tamanho, centrado em questões de morfologia. Prisciano foi o gramático da Antiguidade tardia que escreveu uma das gramáticas do latim de maior alcance na Idade Média, tendo alcançado uma popularidade muito grande, como se pode deduzir do fato de que sobreviveram aos tempos centenas de manuscritos das suas IG (ROBINS, 1993: 87) e também da sua *Institutio* (*ibidem*). No entanto, embora muito se fale de seu trabalho de codificação da tradição da gramática latina, da transposição para os moldes da língua latina do pensamento alexandrino sobre a gramática

(especialmente de Apolônio Díscolo e de seu filho, Herodiano), inclusive como uma espécie de “apogeu” da gramática latina antiga, não existe tradução para o português das IG, sua obra monumental (com cerca de 950 páginas de texto latino, que ocupam dois volumes da edição dos *Grammatici Latini* de H. Keil).

O trabalho com história da linguística ainda é incipiente no Brasil. Embora haja pesquisadores atuando com estudos importantes (NEVES, 2002 e 2005), Pereira (2000) e os grupos reunidos ao redor de pesquisadores como Maria Cristina Altman, na USP, José Borges Neto, na UFPR, e Marco Aurélio Pereira, na Unicamp, a maior parte dos textos fundamentais que devem servir de fonte para pesquisas na área permanece não editada ou praticamente sem traduções para línguas modernas. Dionísio da Trácia (170-90 a.C.), Aulo Gélíio e Tomás de Erfurt foram recentemente traduzidos em dissertações de mestrado defendidas pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (CHAPANSKI, 2003, CECATTO, 2005 e BECCARI, 2007) e há uma tradução recente dos trechos relacionados à gramática em Quintiliano (PEREIRA, 2000), mas ainda não dispomos de uma tradução de gramáticos antigos de grande importância, como Apolônio Díscolo (sec. II d.C.), Marco Terêncio Varrão (sec. I a.C.)<sup>1</sup>, Élio Donato (sec. III d.C.) e, obviamente, de Prisciano.

A obra mais curta de Prisciano de que trataremos já é objeto de nosso estudo há algum tempo e já desenvolvemos uma proposta de tradução para ela, ainda não publicada (cf. CONTO, 2009). Contudo, propor uma tradução das IG de Prisciano, de quase mil páginas, está além do escopo imediato deste artigo, mas uma leitura do original e a tradução e comentário de alguns trechos pode ajudar no provável desenvolvimento de uma proposta de tradução adiante.

Partindo então dessas duas obras como fonte de estudo da gramática de Prisciano, dividimos este artigo em três seções. Na seção 1, trataremos da sintaxe nas IG e, na seção 2, da morfologia na *Institutio*. Por fim, na seção 3, reservada às considerações finais, o leitor encontrará um apanhado que sintetiza o que foi dito nas seções anteriores.

## **1. Sintaxe nas *Institutiones Grammaticae***

Certamente, a análise da concepção de sintaxe para Prisciano não deve ser vista aqui de maneira a abarcar toda a obra de Prisciano, mas sim como um trabalho relevante para compreender o que a Antiguidade produziu com relação ao pensamento sobre a linguagem. Apolônio Díscolo foi o primeiro gramático do ocidente a escrever uma sintaxe. Os trabalhos posteriores sobre sintaxe (inclusive as seções do *De Lingua Latina* de Varrão que versaram

sobre o tema) se perderam, e a fonte mais confiável e abrangente para o estudo da sintaxe na Antiguidade é o texto de Prisciano. Isso porque o texto dos últimos dois livros (XVII e XVIII) das IG é dedicado ao assunto e se baseia principalmente nas doutrinas alexandrinas de Apolônio e seu filho Herodiano. Assim, uma vez que o próprio trabalho de Apolônio encontra-se incompleto, a fonte mais apropriada para o estudo do pensamento antigo sobre a sintaxe é o *corpus* que servirá de base para esse artigo.

Ainda é importante ressaltar o fato de que, contrariamente ao que se tem afirmado sobre a tradição do pensamento antigo e medieval sobre a linguagem escrita em latim, esses trabalhos apresentaram, sim, grande relevância para o desenvolvimento de uma tradição gramatical ocidental, e não apenas serviram-se dos textos fundamentais gregos sobre os mesmos assuntos, repetindo-os, copiando-os ou meramente traduzindo-os. Nas palavras de Pereira (2000: 18):

No caso especificamente romano, ademais, até hoje se encontram afirmações de que só se teriam ocupado com a “correção da linguagem” ou, o que é pior, de que até mesmo nisso teriam sido servís imitadores dos gregos. Tais opiniões, a nosso ver equivocadas, põem de parte as especificidades da reflexão sobre a linguagem realizada pelos romanos, sem cujo concurso o pensamento lingüístico grego, que o precedeu historicamente e nos sentimos à vontade para considerar como base da tradição gramatical do Ocidente, simplesmente não teria chegado até nós da maneira como chegou. Em outras palavras, sem os romanos, a Gramática não teria sido tal qual a conhecemos.

Um breve resumo da história do desenvolvimento da disciplina gramatical no ocidente pode ser feito observando-se que, das especulações filosóficas dos gregos da Antiguidade Clássica (Platão, Aristóteles e os estoicos), os chamados gramáticos alexandrinos (como Dionísio da Trácia e Apolônio Díscolo) – talvez já conscientes da mudança cultural causada pela percepção de que no período helenístico (pós-clássico helênico, em torno de III e II a.C.) não se produziram mais as obras clássicas dos tragediógrafos, dos filósofos, ou até mesmo de Homero – assumiram a função que melhor poderiam desempenhar: a de guardiões do patrimônio cultural dos mais antigos. Assim, a *tékhne grammatiké* alexandrina surge como uma arte/técnica voltada para a capacitação de novas gerações a ler, apreciar, entender e criticar os poetas (NEVES, 2002; CHAPANSKI, 2003). Já na definição de gramática de Dionísio, encontramos “a crítica dos poemas” como o objetivo mais nobre da arte da gramática, com o qual contribuem outros, tais como “leitura praticada segundo as regras da prosódia, investigação etimológica, explicação dos poetas segundo os tropos que neles aparecem”, entre outros (NEVES, 2002: 52). Vale ressaltar que essa crítica trata da análise filológica, conhecida também como crítica textual, que busca julgar corretamente a estrutura dos textos para o estabelecimento dos textos clássicos, já que a tradição de transmissão

manuscrita acabava por gerar diversas versões de um mesmo texto (CHAPANSKI, 2003, p. 99-100).

Varrão, único autor que nos deixou textos a respeito de gramática do período clássico da literatura latina, teve as obras mutiladas pela passagem do tempo. Restam seis dos vinte e cinco capítulos do seu tratado *De Lingua Latina*, nos quais o autor expõe a antiga controvérsia anomalia *versus* analogia, deixando-nos, portanto, pouco ou quase nada sobre o assunto de que tratamos aqui: a sintaxe.

Após o período clássico romano, algo parecido com o que ocorreu com o pensamento e a civilização grega ocorre em Roma: há o nascimento de uma chamada “idade de prata” nas letras latinas, de modo que os autores do século I da nossa era em diante reconheciam no passado uma espécie de apogeu, a que, por definição, não se poderia mais chegar. O advento de uma espécie de “helenismo” em Roma faz com que os gramáticos e filólogos preocupem-se com a língua literária do período clássico, estabelecendo os padrões de excelência e correteza nos autores do passado (cf. exposto no capítulo *Quintiliano e a Educação Lingüística*, in HARRIS & TAYLOR, 1989).

Robins (1983: 43) explica o período pós-clássico em Roma da seguinte maneira:

Do ponto de vista cultural, observamos no decorrer dos anos a partir da chamada “Idade de Prata” (fins do século I d.C.) um declínio nas atitudes liberais, o esgotamento de velhos temas e a falta de vigor para desenvolver outros novos. Exceto nas recém-nascidas comunidades cristãs, os estudos tinham caráter retrospectivo, limitando-se a reconhecer os moldes e padrões do passado. Foi uma época de comentários, epítomes e dicionários. Os gramáticos latinos, cujos pontos de vista eram semelhantes aos dos estudiosos gregos de Alexandria, voltaram, como estes, a atenção para a linguagem da literatura clássica, pois a gramática servia como introdução e fundamentação dos estudos literários.

É nesse pano de fundo que se inscreve Prisciano, representante máximo da tradição gramatical latina (ROBINS, 1983: *ibidem*). Professor de latim em Constantinopla na segunda metade do século V até o início do século VI, Prisciano proporcionou ao ocidente uma visão bastante ampla do que teria sido a gramática escrita por suas “autoridades máximas” Apolônio e Herodiano, já que as obras desses nos chegaram bastante incompletas e fragmentadas.

Assim, ao invés de considerar Prisciano mais um “copiador” da gramática original alexandrina, olharemos para sua obra como uma tentativa de transmitir aquela tradição, o que conseguiu com tanto êxito que é através de suas numerosas páginas e exemplos de comparações entre o grego e o latim que podemos ter uma ideia bastante abrangente do panorama gramatical grego.

Além disso, Prisciano encontra-se em posição cronológica favorável a nos trazer a tradição grega quase que inalterada, uma compilação de dados sobre a língua latina de grandes proporções e, principalmente, a servir de base para os materiais de ensino de latim posteriores, o que causou uma influência peculiar nos filósofos e gramáticos que desenvolveram teorias mais originais na Idade Média (BURSILL-HALL, 1971: 21). Esses gramáticos ficaram conhecidos como gramáticos especulativos, dentre os quais os mais famosos escreveram tratados sobre o modo da significação (Roger Bacon, Thomas de Erfurt, Guilherme de Conches, Pedro Hélias, Martinho da Dácia, entre outros). Esses autores desenvolveram teorias da linguagem muito diferentes do que havia sido trazido pela tradição alexandrina através dos gramáticos latinos: estava de volta a especulação filosófica sobre a linguagem, como inaugurada por Platão, Aristóteles e os estoicos, que se repetiria depois em algumas ocasiões, como por exemplo na abadia de Port-Royal no século XVII, nas obras do alemão Wilhelm von Humboldt, entre vários outros.

Prisciano encontra-se no meio do caminho entre uma tradição gramatical prática criada pelos alexandrinos e a retomada da especulação filosófica. A disciplina gramatical, transmitida ao longo do período romano e pela Idade Média, é a base na qual se sustentam as gramáticas especulativas medievais – textos que são de reconhecida importância para o desenvolvimento da linguística contemporânea e da filosofia da linguagem – e continua até os dias de hoje arraigada na gramática contemporânea.

Como veremos a seguir, por ter se preocupado com a sintaxe como Apolônio a desenvolvera, Prisciano também lançou mão de discussões a respeito de elementos da lógica. Segundo Kristeva (1974, 177ss.), Prisciano teria tido como intenção inicial apenas traduzir as obras gramaticais dos gregos, mas foi mais longe. Foi o primeiro europeu a escrever uma sintaxe. Ainda, como vimos, o que é de interesse ainda maior é o fato de se tratar de uma sintaxe de forte base lógica. Para Prisciano, a sintaxe visa estudar “a obtenção de uma oração perfeita (*oratio perfecta*)”. Para a autora, a lógica subjaz a exposição gramatical de Prisciano de modo a recuperar as primeiras especulações filosóficas gregas sobre a linguagem, que a entendiam como a expressão do pensamento. Haveria, então, para compreender Prisciano, a necessidade de se compreender os seguintes conceitos lógicos fundamentais para o estabelecimento de uma sintaxe: o conceito de *oração perfeita* (discurso com um sentido pleno e que se basta a si mesmo); o de *oração imperfeita* (conjunto de palavras que tem necessidade de ser completado para ter um sentido pleno); o de *transitividade*, em que o sentido da ação passa para outra pessoa; e o de *intransitividade*, em que o sentido do verbo diz respeito à pessoa que fala. Sobre a incompletude lógica da oração imperfeita, um verbo

em latim como *videt* (vê, terceira pessoa do singular do presente do indicativo) necessita de um argumento para a posição de complemento (para completá-lo, torná-lo uma oração perfeita – ressaltando o fato de que a posição do sujeito já está preenchida pela morfologia verbal) para formar uma oração perfeita. Essa percepção de que certas palavras precisam de outras em posição sintaticamente coesa para formar expressões linguísticas interpretáveis está na base das concepções lógicas de linguagem. Assim, é possível reconhecer a pertinência desse modelo desde uma linguagem como a do cálculo de predicados da lógica moderna, em que um funtor  $F$  qualquer só se completa em uma expressão bem formada se receber a quantidade pré-determinada de argumentos<sup>2</sup> que lhe satisfaçam, até as versões mais sofisticadas das gramáticas categoriais<sup>3</sup> e da gramática gerativa, que se baseia em uma distinção entre sentenças gramaticais e agramaticais muito parecida com essa de oração perfeita e imperfeita. Além disso, a ideia de conexidade sintática como base de uma linguagem (seja ela a linguagem da lógica ou a linguagem natural) pode ter sua história recuperada no desenvolvimento do *autotelés lógos* dos gregos, retomado por Prisciano na noção de *oratio perfecta*.

Vejamos, agora, nossa tradução do trecho inicial do livro XVII das IG, que exemplifica essa concepção inicial de sintaxe em Prisciano.

1. Uma vez que seguimos a autoridade de Apolônio na maior parte do que expusemos antes sobre as partes do discurso, se nós mesmos, mais novos também pudermos adicionar da mesma forma coisas importantes e não lacunares ou dos nossos, ou dos gregos, ou ainda de outros, não nos recusemos a acrescentar, seguindo os vestígios, se encontrarmos algo apropriado/coerente tanto de nós quanto de outros, agora, do mesmo, sobre a ordenação ou construção das palavras, que os gregos chamam *syntaxin*.

2. Nas coisas que dissemos anteriormente tratamos sobre as vozes [*voces*, expressões] das palavras individuais, como solicitava a abordagem (*ratio*) delas. Agora, porém, falaremos sobre a sua ordenação, que costuma acontecer em vistas à construção da oração perfeita, que devemos inquirir de forma extremamente diligente por ser deveras necessária para a explicação de todos os autores. Assim, da mesma forma que as letras co-ocorrentes de maneira apropriada formam as sílabas e as sílabas formam palavras, assim o fazem as palavras para formar orações. Além disso, pois, a abordagem relacionada sobre as letras mostrou que foi bem dito por Apolônio que a matéria prima da voz humana são os átomos [*individua* ‘coisas indivisíveis, átomos’]. Ele mostrou que não acontecem associações de

letras de qualquer maneira, mas sim através de ordenação da mais apropriada, de onde poder-se-ia chamar de maneira verossímil “*litteras*” como se fossem “*legiteras*” [de *lego* ‘escolher, ler’ e *iter* ‘caminho, via’], de modo que, posicionadas em ordem coerente, elas mostrem o caminho para ler. E não somente as sílabas maiores da mesma forma são criadas pelas letras, como a partir delas as associações 3 co-ocorrentes perfazem palavras de modo apropriado. Assim, fica claro, de forma conseqüente, que da mesma forma as palavras, uma vez que sejam partes para a construção da oração perfeita, isto é, *tou katá súntaxin autotelôus*, constroem a estrutura apropriada, isto é, a ordenação. Pois o que é sensível (isto é, inteligível) se prepara a partir de palavras individuais, e de algum modo é elemento da oração perfeita, e como os elementos criam as sílabas com as suas associações, assim a ordenação das coisas inteligíveis perfaz através da adjunção das palavras uma imagem de sílaba. Assim, a oração é a ordenação das palavras da maneira mais apropriada, assim como a sílaba é a ordenação das letras conjugadas da maneira mais apropriada. E, assim como a palavra se baseia na conjunção das sílabas, da mesma forma a oração perfeita se baseia na conjunção das palavras.

Podemos, portanto, contemplar isso também pela semelhança dos acidentes.

Um elemento ocorre duas vezes, como em “*reliquias, reddo*”, mas também a sílaba, como em “*leleges, tutudi, peperi*”. Da mesma forma, a palavra, como em “*me, me – adsum qui feci*” ou em “*fuit, fuit ista quondam in hac re publica virtus*” (Cic. in Catilinam I, IV). Isso também chega às orações completas, quando de uma vez as palavras se repitam novamente ou pela necessidade ou por causa da demora, como se dissermos: “*magnus poeta Virgilius fuit, magnus poeta Virgilius fuit*”. Juvenal, na segunda sátira: “*Tune duos una saevissima vipera cena? Tune duos?*”

Como se pode ver por esse breve excerto, a concepção de sintaxe de Prisciano é atomística, partindo do elemento mínimo, a *littera*, até a instância da *oratio perfecta*. Esse modelo de formulação gramatical será desenvolvido por Prisciano ao longo dos dois livros finais da IG, mas sempre com uma abordagem de combinação de termos visando estruturas que ele entende como apropriadas. As combinações buscam a perfeição do *lógos* completo, assim como Aristóteles e Platão defendiam com relação à formação do pensamento completo (*lógos*) a partir da combinação adequada entre *ónoma* e *rhêma* (cf. NEVES, 2002, 2005, entre outros, para formulações mais explícitas). Observemos agora o modo de discussão de questões morfológicas proposto por Prisciano.

## **2. Morfologia na *Institutio de nomine et pronomine et verbo***

A *Institutio* de Prisciano é uma obra bem mais curta, que traz apenas uma descrição das formas que nomes, pronomes ou verbos podem assumir. Não encontramos nela qualquer definição do que sejam essas partes do discurso e nem que emprego elas podem ter na sentença. Por isso, não há como se analisar a sintaxe na *Institutio*, pois não há nenhum tratamento sintático, e assim optamos por reservar a análise da sintaxe de Prisciano às IG e tratar da morfologia subjacente à *Institutio*.

As duas obras dialogam, já que, por ser a *Institutio* uma obra concentrada, Prisciano faz constantes referências<sup>4</sup> a trechos das IG que serviriam para um embasamento mais amplo do que o tratamento dado na *Institutio*. Dessa forma, pode-se dizer que o autor previa que as duas obras fossem utilizadas como complementares no aprendizado.

A principal característica da *Institutio* diz respeito ao seu estilo de exposição. A obra aborda as partes do discurso passíveis de flexão e expõe as formas exaustivamente. Por isso, são encontradas nela informações que permitam ao leitor (possivelmente um estudante de latim, falante nativo de grego) identificar formas e relacioná-las aos paradigmas. Interessante é notar que essas informações são acompanhadas sempre de diversos exemplos e exceções, quando necessário. Vejamos uma breve explanação do que é exposto na obra, sintetizada a partir de Conto (2009: 47-54).

Na seção correspondente ao nome, são delimitadas as declinações a que podem pertencer os substantivos de acordo com a terminação de genitivo de cada uma delas. Prisciano também informa que tipo de palavra pertence a que declinação, baseado no critério morfológico da terminação do nominativo singular aliado ao critério de gênero e ao de origem da palavra, grega ou latina. Além disso, são expostas as terminações dos casos oblíquos que compõem cada paradigma flexional.

Aos pronomes é dedicada uma seção sensivelmente mais breve do que as outras duas, pois naturalmente os pronomes são uma classe com um número menor de formas do que a classe dos verbos e a dos nomes, que são classes lexicais produtivas. Prisciano divide os pronomes em primitivos e derivados, de modo que os primeiros contemplam aqueles que se referem às pessoas do discurso (*ego, tu, sui, ille, is* etc.) e os últimos contemplam aqueles que só estão relacionados a elas, como é o caso dos pronomes possessivos. A seção dos pronomes contém essa subdivisão e o elenco de formas, apontadas por meio da simples exposição ou por meio de analogia com os substantivos de primeira, segunda ou terceira declinação.

Vale observar que o método descritivo de Prisciano se assemelha muito ao que conhecemos como modelo de descrição morfológica de Palavra e Paradigma (P&P), que

tradicionalmente é tomado como o método de descrição característico da gramática antiga (ROBINS, 1983: 19). Matthews (1974, p. 68 e ss.) observa que no modelo tradicional P&P, aplicado nas gramáticas antigas, há duas técnicas para especificar formas de palavras: através de paradigmas exemplares e através de regras explícitas de formação – as mesmas estratégias usadas pelo gramático Prisciano.

Nos verbos, além de estarem expostas as quatro conjugações, encontramos as formas de cada tempo, em cada modo e em cada voz. Essa relação de formas, obviamente, é mais numerosa que a das classes anteriores, mas o autor expõe as formas ora por meio da construção de palavras novas através do uso de operações morfológicas ora por meio de analogia com os paradigmas modelos – o presente do indicativo ativo e o presente do indicativo passivo. Além disso, há ainda as formas infinitivas, as participiais (particípios, supino e gerúndio) e os substantivos deverbais.

Os paradigmas nominais são dados a partir da flexão dos casos oblíquos de cada declinação, cujo modelo pode ser estendido a todos os nomes que pertençam àquela declinação. Já entre os verbos, a analogia pode se dar de um tempo para o outro, tendo como critério a terminação da segunda pessoa do singular. Prisciano (*Institutio* §38 *apud* CONTO, 2009: 32) explicita essa relação: “É evidente assim que todos os tempos em qualquer conjugação no indicativo e em todos os modos, exceto no imperativo e no pretérito perfeito, são flexionados de três maneiras conforme o tempo presente das três conjugações.” Assim, seguem a flexão número-pessoal da primeira conjugação do presente (-as, -at, -amus, -atis, -ant) os tempos verbais, seja qual for o modo, cuja segunda pessoa termina em -as, que é a terminação da segunda pessoa do presente da primeira conjugação; da mesma forma, os tempos cuja segunda pessoa termina em -es seguem a flexão da segunda conjugação; e os tempos que terminam a segunda pessoa do singular em -is seguem o paradigma flexional da terceira conjugação.

Vejamos um exemplo desses casos em que a flexão se dá por analogia tomando o futuro do presente do indicativo ativo. Para formar esse tempo verbal, a língua latina dispõe de dois processos de sufixação: um com o sufixo -bi, que é aplicável à primeira e à segunda conjugação; e outro com o sufixo -e, que é aplicável à terceira e à quarta conjugação. Na descrição de Prisciano, a saída é simples:

O futuro do indicativo na terceira e na quarta conjugação, contudo, é flexionado conforme o tempo presente da **segunda conjugação**, como *legam leges leget, audiam audies audiet*, (...). Todavia, o futuro da primeira e da segunda conjugação segue a flexão que apresenta o presente do indicativo da **terceira conjugação**, como *amabo amabis amabit, docebo docebis docebit*.

(*Institutio* §40 *apud* CONTO, 2009: 33-34)

Com o sufixo *-e*, a terminação da segunda pessoa do futuro na terceira e na quarta conjugação será *-es* e, portanto, o futuro nessas conjugações segue as demais terminações do modelo flexional da segunda conjugação. Já a primeira e a segunda declinação, em que se adiciona o sufixo *-bi* para a formação do futuro, terão a terminação *-is* na segunda pessoa singular e, portanto, seguem a flexão da terceira conjugação.

O critério de segunda pessoa é aplicável a todos os tempos verbais que seguem a analogia. Há a analogia dentro dos tempos da voz ativa (verbos que terminam *-o* no presente) e a analogia dentro dos tempos da passiva (verbos que terminam em *-or* no presente). Excetuam-se da analogia da ativa o pretérito perfeito do indicativo e os tempos do imperativo, que têm paradigmas próprios, e da passiva os tempos que são perifrásticos – pretérito perfeito e mais-que-perfeito de todos os modos e o futuro do subjuntivo.

Contudo, a analogia com o modelo flexional do presente funciona somente para as terminações de plural e de segunda e terceira do singular. A primeira pessoa de cada tempo não pode ser prevista por analogia, já que nem todas terminam em *-o/-or* e muitas recebem sufixos. Por isso, Prisciano precisa compô-las uma a uma da mesma forma que precisa compor os paradigmas do presente, que servem de modelo para os demais tempos, e as formas excepcionais, como os paradigmas do perfeito e do imperativo e as formas infinitivas, participiais e deverbais.

Nesses casos, que a analogia não resolve, o autor lança mão de operações de adição, queda e conversão das letras que compõem formas já conhecidas. Contudo, devemos fazer uma ressalva, pois Prisciano não manipula morfemas – conceito que lhe é muito posterior – e os itens que são apagados ou adicionados também não carregam nenhuma significação. Observe, por exemplo, quando o autor compõe a primeira pessoa do plural do presente a partir da segunda do singular.

Em cada conjugação, o *-s* no final da segunda pessoa convertido em *-t* forma a terceira pessoa, porém com vogal breve antes do *-t*, como *amas [amat]*, *doces docet*, *facis facit*, *legis legit*, *audis audit*, *is it*. De fato, aquela mesma segunda pessoa faz a primeira pessoa do plural mantendo o *-s* e inserindo um *-mu*, como *amas amamus*, *doces docemus*, *legis legimus*, *audis audimus* (...) (IN §34 *apud* Conto, 2009: 28)

Quando o autor mantém a letra *-s* da segunda pessoa para formar a primeira, não se está mantendo nenhum traço de significado que aquele *-s* podia ter na forma de segunda pessoa, como por exemplo indicar a flexão pessoal de segunda pessoa, pois na palavra que se vai formar, esse mesmo *-s* é só mais uma letra componente da palavra toda que significa primeira pessoa plural do presente indicativo. As operações morfológicas manipulam apenas

as letras (*litterae*) que compõem a palavra, sem que seja atribuído nenhum significado mínimo a essas letras, já que, na gramática antiga, não há nenhuma unidade de significação que esteja abaixo do nível da palavra (embora elas apareçam como unidades de ordens sintáticas diferentes, cf. seção 1 acima).

Como vimos na seção anterior, a organização das letras dentro da sílaba para formar palavras se assemelha à organização das palavras dentro das sentenças. A boa formação das letras dentro das palavras que Prisciano compõe é dada pelas operações que ele efetua, de modo que o seu critério para a escolha da palavra que servirá de base para as operações não é influenciado por noções semânticas ou de parentesco entre os tempos, mas sempre está diretamente relacionado ao produto a que se quer chegar.

Devemos ainda chamar atenção para o fato de que, assim como as IG, a *Institutio* também traz diversas influências gregas. Essas influências emergem do contexto em que a obra foi escrita, já mencionado acima, e que impõe ao autor dessa obra didática que ele a molde de acordo com a experiência do seu aluno. Assim, são encontrados na *Institutio* inúmeros exemplos de palavras gregas e da sua adaptação ao sistema linguístico latino. Há também casos de adaptação do genitivo grego para a terminação latina (a terminação *-dos* grega passa para *-dis* em latim) e o autor ainda chama atenção para o uso de terminações gregas para nomes gregos em textos latinos. Todas essas características são, na verdade, fatos linguísticos resultantes do contato entre o grego e o latim, mas que foram contemplados por Prisciano por fazerem parte da vivência do seu aluno. Em outros momentos, porém, o autor busca auxílio na gramática da língua grega para explicitar alguma peculiaridade da língua latina: é o caso da ausência de forma nominativo do pronome *sui* de terceira pessoa (que ele relaciona ao pronome grego *heautoũ*) e também quando o autor explica a diferença entre o supino e o gerúndio (que segundo ele corresponderiam ao infinitivo grego acompanhado ou não de preposição).

Além disso, deve-se mencionar que Prisciano elenca entre os modos verbais um modo optativo, que não parece pertinente ao sistema da língua latina. As formas que o autor interpreta como formas do optativo são iguais às formas do subjuntivo. Consideramos que ele esteja tomando como optativo alguns usos especializados do próprio subjuntivo, como o subjuntivo jussivo. Contudo, não se pode dizer ao certo porque não há na *Institutio* exemplos do uso desse modo optativo. Como a língua grega possuía formas específicas para o modo optativo, acreditamos que esse modo optativo em latim seja um decalque do sistema grego e também um reflexo de uma preocupação em emular a tradição grega de gramática. O processo parece semelhante ao que leva os autores de gramática latina a tentarem manter o mesmo

número de classes de palavras das gramáticas gregas através da criação da categoria da interjeição (cf. as divisões de classes de palavras que vemos nas IG de Prisciano), necessidade decorrente do fato de que a classe dos artigos gregos não poderia ser representada em latim, dada a ausência deles nessa língua (ROBINS, 1983: 41). Os gramáticos latinos parecem não querer admitir diferenças linguísticas grandes o suficiente para dar a impressão de que sua língua é inferior à grega. A separação explícita de optativo e subjuntivo em latim feita por Prisciano decorre da existência desses dois modos em grego (ali representados por morfologia diferenciada) e da inexistência de diferenças morfológicas desses dois modos considerados diferentes por Prisciano (para mais detalhes, cf. CONTO (2009: 57-58)). É importante que o gramático latino se filie ao modelo grego, porque ele contém a receita de sistematização do conhecimento empírico de uma língua e instaurou a tradição. Porém, não se trata simplesmente de cópia da gramática grega, mas o seu modelo é reinterpretado pelo gramático à medida que é preciso adequar o sistema da língua latina a ele.

### 3. Considerações finais

Expusemos neste artigo características das ideias sobre sintaxe presentes em Prisciano, tendo como suporte trechos iniciais do livro XVII das IG, e também sobre morfologia, partindo da sua exposição na *Institutio*. A sintaxe de Prisciano, pautada principalmente nas reflexões de Apolônio Díscolo, parte do átomo até a formação da sentença conexa, representada pela *oratio perfecta*. A organização das palavras na sentença bem formada se dá de modo similar à boa formação das palavras pela organização das letras.

No nível morfológico, a palavra é a unidade mínima de sentido, assim como em toda a tradição gramatical antiga, e os elementos que a compõem são elementos físicos que, por si só, não veiculam sentido. Por isso, as operações de adição, queda e conversão que Prisciano opera para a formação de palavras na *Institutio* são possíveis e não obedecem a um critério nocional. Como é característico da gramática antiga e por consequência da visão de que a palavra é a unidade mínima de análise, é aplicado o método de descrição P&P.

Fica, porém, a observação de que, apesar de haver trabalhos em desenvolvimento na área, ainda temos muito pouco material em língua portuguesa acerca das reflexões linguísticas na antiguidade. Mais pesquisas nessa área se justificam porque podem dirigir um novo olhar para as reflexões modernas.

### Notas

(1) A tradução do *De Lingua Latina* de Varrão está sendo realizada por Giovanna Valenza no mesmo programa de pós-graduação da UFPR mencionado anteriormente.

(2) Por exemplo, se o funtor for um predicado de um lugar, um argumento  $a$  qualquer a que se aplique o funtor cria uma expressão “ $F(a)$ ”, logicamente uma sentença bem formada da língua de cálculo de predicados.

(3) Gramáticas de base lexicalista em que cada palavra da língua é funtor ou argumento, e a conexidade sintática se dá através da aplicação de regras lógicas que criem, a partir da concatenação de palavras, expressões que são, por sua vez, também funtores ou argumentos, cf. BORGES NETO, 1999; WOOD, 1993.

(4) Conto (2009, p. 54) contabilizou sete remissões às IG dentro da *Institutio*.

## **Bibliografia**

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BECCARI, Alessandro. *Uma abordagem da Gramática Especulativa de Thomas de Erfurt: metalinguagem, classes do nome e do pronome*. Dissertação de Mestrado, UFPR, 2007.

BOTAS, V.B. *Apolônio Discolo. Sintaxis. Introducción, traducción y notas*. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

BORGES NETO, José. *Introdução às gramáticas categoriais*. Não Publicado. Curitiba: UFPR, 1999.

BURSILL-HALL, G. L. *Speculative Grammar in the Middle Ages. The Doctrine of the Partes Orationis of the Modistae*, Mouton, The Hague-Paris, 1971.

CAMARA Jr., J. Mattoso. *História da Lingüística*. Petrópolis: Vozes, 4ª Ed., 1986.

CECATTO, Cleuza. *Comentários gramaticais de Aulo Gélío: Uma proposta de tradução*. Dissertação de Mestrado: UFPR, 2005.

CHAPANSKI, Gissele. *Uma tradução da Tékhne Grammatiké de Dionísio Trácio, para o português*. Dissertação de Mestrado: UFPR, 2003.

CHOMSKY, Noam. *Lingüística Cartesiana*. Editora Vozes: Rio de Janeiro e Editora da USP:

São Paulo, 1974.

CONTO, Luana. *Institutio de nomine et pronomine et verbo de Prisciano: tradução e características*. Monografia (Bacharelado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

CORADINI, Heitor. *Metalinguagem na obra De Lingua Latina de Marcos Terêncio Varrão*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP-FFLCH-DLCV, 1999.

HARRIS, Roy; TAYLOR, Talbot J. *Landmarks in Linguistic Thought I: The Western Tradition from Socrates to Saussure*. London: Routledge, 1989.

HOCKETT, Charles F. (1954) “Two models of grammatical description”. in JOOS, M. (ed.) *Readings in linguistics I*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1957. p. 386–399.

KEIL, Heinrich (ed.) *Grammatici Latini*. Leipzig: B. C. Teubner, 1857-1870.

KOERNER, E. F. K. & ASHER, R. E. (eds.) *Concise History of the Language Sciences: From the Sumerians to the Cognitivists*. Cambridge: University Press, 1995.

KRISTEVA, J. *História da Linguagem*. Tradução de Maria Margarida Barahona. Edições 70, 1974.

MATTHEWS, P.H. *Morphology: an introduction to the theory of word-structure*. Cambridge: University Press, 1974.

MOUNIN, G. *História da Lingüística*. Porto: Edições Despertar, 1970.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional: Uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PRISCIANI CAESARIENSIS *Institutio de nomine et pronomine et verbo*. Edição de PASSALACQUA, Marina. Urbino: Quattro Venti, 1992.

PEREIRA, Marcos Aurélio. *Quintiliano Gramático*. São Paulo: Humanitas FFCHL/USP, 2000.

ROBINS, R. H. *Pequena História da Lingüística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

\_\_\_\_\_. *The Byzantine Grammarians: their place in history*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1993.

VARRO. *De Lingua Latina. Books VIII – X*. With an English Translation by Roland G. Kent. Cambridge, MA and London: Harvard University Press: 1938.

WEEDWOOD, Barbara. *História Concisa da Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.

WOOD, M. McGee. *Categorial Grammar*. London: Routledge, 1993.